



Estudo sobre a percepção comunitária a respeito da pandemia (COVID-19) e do isolamento social em áreas de pobreza.

Palavras-Chave: Pandemias, Isolamento social, Áreas de pobreza

Autores:

YUMI MARIA MATSUMOTO [UNICAMP]

Prof. Dr. RUBENS BEDRIKOW (orientador) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) comunicou a existência de um surto de pneumonia de etiologia desconhecida, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Em janeiro de 2020, identificou-se um novo coronavírus como responsável por casos de pneumonia grave em pessoas que frequentaram mercado de frutos do mar.¹ Em março de 2020, a OMS declarou pandemia de COVID-19 e enfatizou a necessidade de medidas urgentes e agressivas a fim de suprimir e controlar a disseminação do vírus.²

A pandemia de Covid-19, assim como as demais epidemias de doenças infecciosas que assolaram a humanidade, não é democrática e atinge mais intensamente as comunidades mais pobres e que apresentam piores condições de vida. A desigualdade social e o aumento da pobreza, e do desemprego nos últimos anos acarretaram o aumento de pessoas vivendo em favelas e ocupações no Brasil.

A ocupação existe desde agosto de 2015 e, atualmente, abriga cerca de 185 famílias. Todas as moradias são barracos de madeira. Não existe esgotamento sanitário e o acesso a água tem sido limitado a poucas caixas d'água distribuídas no território e de onde as famílias buscam água mediante mangueiras ou baldes. As vielas são estreitas e há elevada densidade de moradias e pessoas. Predominam crianças e adultos jovens e menos de 3% são idosos.

METODOLOGIA:

Investigação qualitativa, exploratória, transversal que utilizou a análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco moradores da Ocupação Vila Paula, localizada na periferia de Campinas, município paulista a cerca de cem quilômetros da capital do estado.

Os participantes de pesquisa são moradores da Ocupação Vila Paula, todos maiores de 18 anos. O roteiro utilizado para realizar as entrevistas semiestruturadas continha perguntas sobre casos e mortes por Covid-19, mudanças no cotidiano das famílias e relação entre as medidas recomendadas para conter o avanço da Covid-19 e a pobreza e o fato de morar numa ocupação.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e seu conteúdo analisado. Foram definidas as seguintes categorias de análise: Covid-19 na ocupação, medidas adotadas durante a pandemia, pobreza e pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Tendo decorrido pouco mais de um ano desde o início da pandemia, a percepção dos moradores da ocupação Vila Paula entrevistados é de que foram poucos os adoecidos de Covid-19 e nenhuma morte por essa causa ocorreu naquela comunidade. Os poucos casos mencionados foram leves e não exigiram internação dos pacientes o que, muito provavelmente, contribuiu para um menor grau de alarmismo em relação à pandemia, não obstante as notícias em sentido contrário veiculadas pela mídia.

Conheço, só uma menina. Ela estava grávida, para ganhar nenê, mas já está bem, ficou boa. [...] Ninguém morreu, graças a deus. (N)

Ao ser perguntado sobre o motivo pelo qual a Covid-19 não fez vítimas graves ou provocou a morte de moradores da ocupação, um dos entrevistados ofereceu a seguinte explicação:

Eu creio que foi misericórdia de Deus, porque se fosse por causa da higiene, todo mundo estava contaminado. (M)

Uma explicação plausível para as baixas incidência e mortalidade por Covid-19 relaciona-se à predominância de crianças e adultos jovens na comunidade, o que encontra respaldo no fato de que, em 2020, a doença atingiu e matou principalmente idosos e pessoas com comorbidades, como diabéticos, cardiopatas, pneumopatas, portadores de neoplasias malignas, entre outras. Estudo sobre as primeiras 250.000 internações no Brasil entre 16 de fevereiro e 15 de agosto de 2020 revelou que 53% desses pacientes tinham 60 anos ou mais e 84% tinham uma ou mais comorbidades.³ De acordo com relatos de entrevistados casos da doença aumentaram apenas a partir dos primeiros meses de 2021, coincidindo com o surgimento de novas variantes que mudaram o comportamento da doença atingindo de forma intensa e grave também os jovens.⁴

Num território de muita pobreza, caracterizado por moradias de dimensões reduzidas, de temperatura interior elevada, a alta densidade de pessoas por moradia, a maior tensão social entre familiares - violência contra mulheres e crianças, o baixo grau de escolarização dos adultos, a necessidade de trabalhar fora de casa e o precário acesso a tecnologias digitais torna praticamente impossível a continuidade dos estudos em casa, no formato remoto. Em qualquer momento do dia é possível observar crianças brincando nas praças, ruas e vielas da ocupação, pois não estão efetivamente estudando.

Uma adolescente atribuiu aos conflitos familiares e adoecimento do bisavô a dificuldade de cumprir com as demandas escolares. Não recebeu apoio por parte da escola, mas sim a cobrança de entregar duas tarefas em dois dias sob o risco de perder a vaga na escola. Em outras palavras,

corre-se o risco de que tais tarefas tenham finalidade puramente burocrática, útil para a prestação de contas das instituições de ensino, para compor estatísticas que poderão esconder a gravidade do problema, e não necessariamente contribuir para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Várias falas remetem à importância do auxílio emergencial para a sobrevivência. A taxa de desemprego elevada coincidiu temporalmente com o recuo da economia e aumento da inflação atingindo mais profundamente as pessoas muito pobres. Para estes, o auxílio emergencial significava a diferença entre fazer ou não mais do que uma refeição ao dia.

Mas é muita gente ficando desempregada. [...] Tem muita gente que não está conseguindo emprego e está passando necessidade. [...] muitos não tem nada na geladeira, nada para comer, é muito triste. (N)

A interrupção do auxílio emergencial foi mais cruel com a fatia da população que não tinha reservas, encontrava-se desempregada ou dependia de subempregos, como é o caso de grande parte das famílias da ocupação Vila Paula. A fragilidade de políticas de bem estar social fez-se sentir de forma mais acentuada nesse grupo populacional que dependeu, em parte, de ações de caridade para sua alimentação. Foi durante a pandemia que se observou "reduções no orçamento tanto no Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida quanto no Programa Bolsa Família".^{5, p.975}

Outro impacto da pandemia na ocupação corresponde à chegada de novos moradores, pois a ocupação funcionou como espaço capaz de acolher famílias de pessoas desempregadas. A chegada de mais moradores acarretou aumento da densidade populacional e de barracos durante a pandemia, com conseqüente disputa pelo acesso à água, tensão social e risco de ocorrência de incêndios graves como aquele ocorrido no final de setembro de 2020, quando cerca de 120 pessoas se viram, de uma hora para outra, privados de seus lares, o que deixou marcas materiais e psíquicas ainda não totalmente resolvidas. Além disso, a chegada de novas famílias não foi acompanhada do aumento da oferta de água. Chegou-se ao limite de só poder buscar água a cada três dias, o que dificultou em grande medida os banhos e a lavagem de roupas e louças.

Segundo alguns entrevistados, a proximidade dos barracos e as vielas muito estreitas são fatores que facilitam a transmissão do vírus entre os moradores, desafiando qualquer tentativa de distanciamento social. Os moradores ainda destacam o calor dentro dos barracos, cobertos com telhas de eternit, com poucas janelas e mal ventilados, o que empurra os moradores para áreas externas, preferencialmente sob copas de árvores, espaços estes propícios para aglomeração de pessoas.

Dificulta porque é muito quente. [...] Ainda que a minha casa aqui é mais fresca um pouco, minha cunhada sai do barraco dela, que é mais fechado e bem quente, para ficar aqui um pouco. (N)

Estudo realizado em 2003 na favela de Paraisópolis revelou que as temperaturas foram até 3°C mais elevadas dentro da favela do que fora dela durante o dia.⁶. O uso de ventiladores é

comum e quase que indispensável, porém não suficiente para proporcionar conforto térmico, além disso a instalação elétrica é de qualidade precária e insuficiente para dar conta de toda a comunidade, sendo comum haver queda de energia durante os períodos do dia de maior consumo.

O trabalho em casa ou home office não é uma realidade na ocupação Vila Paula. "A maioria que trabalha sai de casa. É bem difícil trabalhar de casa. A minha internet é bem boa, mas é mais celular. Computador, se tiver, é bem pouca gente que tem." (N). A maioria dos trabalhadores residentes na ocupação exerce atividades que exigem sair do território e usar transporte público. Predominam as ocupações relacionadas à construção civil, limpeza e de doméstica, assim como o trabalho informal e coleta e venda de produtos recicláveis.

Dentro da ocupação é raro encontrar alguém usando máscara, segundo uma entrevistada, as pessoas usam máscara "só quando tem aglomeração, doação de alguma coisa [...] no dia a dia nunca vi ninguém usando". (C) É como se o uso fosse necessário ou exigido apenas para fora dos limites do território da ocupação. Os coordenadores ainda sim recomendam o uso e orientam aos moradores com sintomas a não saírem de casa.

Os entrevistados reconhecem que o uso da máscara é a atitude correta, mas admitem que é pouco frequente.

Não, a maioria não usa, a não ser para entrar no mercado, quando o proprietário pede para usar, ou não deixam entrar, senão todo mundo entrava sem máscara. (M)

É como se todo o território da ocupação fosse um grande condomínio, dentro do qual fosse tolerado circular sem máscara, como se toda a área externa fosse continuação do interior das casas, ainda que nem todos os moradores sejam amigos e convivam de forma próxima. O risco de tal comportamento, associado ao entra e sai frequente de moradores que dependem do comércio vizinho ou que trabalham fora da ocupação, é o surgimento de um surto de Covid-19 num futuro próximo, haja vista que o vírus passou a atingir mais gravemente os adultos jovens e crianças.

Há, ainda, a percepção entre os entrevistados de que a desigualdade social aparece claramente no contexto da pandemia: O rico "pode ficar em casa, no ar condicionado, [...] muitos têm aquele dinheirinho guardado e não precisam sair para trabalhar. Pobre não, pobre precisa sair todos os dias senão não tem o que comer". (C) Segundo Rocha et al ⁷, o comportamento da pandemia de Covid-19 no Brasil obedece mais a fatores de desigualdade social do que a outros fatores como idade, estado da saúde e presença de fatores de risco. Portanto, é muito provável que os problemas enfrentados pelos moradores da ocupação Vila Paula durante a pandemia de Covid-19, e que se relacionam às enormes desigualdades sociais do país, se perpetuem e ganhem novamente visibilidade, ainda que transitória, por ocasião de futuras epidemias.

CONCLUSÕES:

A pandemia de Covid-19 colocou em evidência antigas e persistentes iniquidades presentes no Brasil. A população sentiu falta de políticas públicas de bem-estar social amplas e eficazes para garantir renda e trabalho capazes de minimizar os efeitos do flagelo. Os estragos foram mais acentuados entre os mais pobres. O estudo da pandemia numa ocupação recente, ainda sem organização social robusta e com infraestrutura precária, permitiu conhecer mais em profundidade e acerto seus efeitos entre os mais pobres, a partir da fala de seus moradores.

Destacaram-se o crescimento da ocupação em razão da chegada de novos moradores que perderam seus empregos e renda, aumentando a densidade de moradias e pessoas, o que favorece a tensão social, disputa por água e maior risco de incêndios, e dificulta o distanciamento entre as pessoas; a interrupção dos estudos por parte de crianças e adolescentes; maior dependência de ações de caridade como doações de alimentos e roupas; o não uso de máscara dentro dos limites da ocupação; a exclusão social em razão da desigualdade de acesso ao estudo remoto e *home office* via ferramentas digitais.

O contexto político atual caracterizado pela diminuição do Estado de bem-estar social e valorização de medidas neoliberais permite vislumbrar um futuro sombrio para os moradores de ocupações urbanas que não têm como aguardar que a economia do país cresça e a distribuição mais justa de renda aconteça, o que, aliás, não se enxerga no horizonte brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

1. Zhu N, Zhang D, Wang W, et al. A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. *New England Journal of Medicine*. 2020 Fev ; 382(8):727-733.
2. World Health Organization [internet]. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. [2020 Mar 11].
3. Ranzani OT, Bastos LSL, Gelli JGM, et al. Characterisation of the first 250 000 hospital admissions for COVID-19 in Brazil: a retrospective analysis of nationwide data. *Lancet Respir Med*. 2021 Abr ; 9:407–18..
4. Freitas ARR, Beckedorff OA, Cavalcanti LPG, et al. The emergence of novel SARS-CoV-2 variant P.1 in Amazonas (Brazil) was temporally associated with a change in the age and gender profile of COVID-19 mortality. *SciELOPreprints*.. 2021 Mar. No prelo 2021.
5. Costa SS. Pandemia e desemprego no Brasil. *Rev. adm. pública (Online)*. 2020 Jul-Ago; 54(4):969-978.
6. Silva EN, Ribeiro H. Alterações da temperatura em ambientes externos de favela e desconforto térmico. *Rev. Saúde Pública*. 2006 Ago; 40(4):663-70.
7. Rocha R, Atun R, Massuda A, et al. Effect of socioeconomic inequalities and vulnerabilities on health-system preparedness and response to COVID-19 in Brazil: a comprehensive analysis. *Lancet Glob Health*. 2021 Apr; [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(21\)00081-4](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(21)00081-4).